

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETARIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 213 — Domingo, 7 de Julho de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12
Depositarlo nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

TEATROS PROFISSIONAIS

NÃO há actividade que como o Teatro, mais sujeita esteja a condicionalismos oficiais. Sem falar noutras limitações bem conhecidas, há vários Sindicatos que directamente interferem nela, um Grémio dirigido há cerca de sete anos por uma Comissão Administrativa, a Inspeção dos Espectáculos com o seu complexo, e em muitos pontos, inexplicável conjunto de regulamentos, decretos e leis que directamente dependem de três Ministérios, etc. E' este um dos factores que mais contribuem para a irrespirável atmosfera da nossa vida teatral, embora grande parte desse condicionalismo tenha sido promovido com a benévola intenção de proteger e salvaguardar os interesses, sobretudo dos actores; sobretudo porque as regalias, a segurança e as vantagens que a legislação e aqueles organismos atribuem aos actores, não corresponde equivalente defesa dos interesses de outras profissões que na vida teatral ocupam lugar tanto ou mais importante e imprescindível do que o dos come-

diantes. Basta dizer que o Grémio destinado a defender os interesses dos empresários é praticamente inoperante, passivo e, em muitos casos, mais do que isso, para o que contribue a perduração de uma comissão administrativa a dirigir-lo. Basta dizer que a função de director teatral não é reconhecida nem pelo Sindicato, nem pelo Grémio, nem pela Inspeção dos Espectáculos. Basta dizer, que, na exagerada e desmedida defesa dos comediantes profissionais, se chegou ao extremo de proibir o exercício da direcção teatral e da encenação a artistas estrangeiros. Bas-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

UMA CARTA

com uma elucidação

de um leitor

DE um nosso leitor, que segundo diz na sua carta, há muitos anos habita fora da nossa terra, recebemos uma amável carta, onde nos explica claramente, alguns pormenores da situação de algumas antigas construções, que hoje estão em ruínas na nossa terra e carecem de rápida resolução.

A seguir transcrevemos a carta recebida:

Ex.º Sr. Director:

... Quero felicitá-lo pelo novo aspecto gráfico do vosso tão conhecido como concelhado se-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

COLONIA BALNEAR

INFANTIL DE MÉRTOLA

Como nos anos anteriores, chega amanhã, dia 8 do corrente, a Monte Gordo, o primeiro turno da Colónia Balnear Infantil de Mértola, constituído por 50 crianças, que ali estarão durante cerca de 20 dias, seguindo-se-lhe outros turnos, a fim de todas poderem gozar os benefícios daquela maravilhosa praia.

BUROCRACIA DE TRAVÃO

A propósito da local com o título acima, publicada no número 211 deste jornal, escreve-nos o sr. Salvador Gomes Vilarinho, ilustre presidente da Câmara Municipal de Portimão, fornecendo-nos, amavelmente, esclarecimentos sobre o assunto versado na mesma local: a nódoa negra da Praia da Rocha — as famigeradas ruínas, que a Sociedade Foz do Arade, sua proprietária, mandou demolir a passo de carangueijo e que, para maior complicação, a Direcção Hidráulica do Guadiana embargou, com o fundamento, ao que consta, daquela Sociedade se ter esquecido da indispensável licenciatura...

Este assunto, que tão gravemente afecta a Praia da Rocha, não se limita a mero interesse local. Interessa a todos nós, algarvios, porque diz respeito a uma Praia que é, incontestavelmente, o atractivo turístico n.º 1 do Algarve, aquele que mais estrangeiros e mais visitantes trax à nossa provincia. E, como tal, entendemos que devem ser do conhecimento geral as razões por que aquela praia continua a exibir umas ruínas vergonhosas onde, se se não tivesse o mau gosto de andar a brincar aos «combos de Chelas», já poderia estar um bom hotel, de que a Rocha tanto necessita.

Por esse motivo, publicamos, seguidamente, a carta enviada, em 2 de Abril, último, pelo sr. presidente da Câmara Municipal de Portimão à Sociedade Foz do Arade, e que, em nossa opinião, «illumina» bastante um assunto que tem apaixonado um vasto sector da opinião pública barlaventina e, de modo geral, todos aqueles que se interessam pelo progresso do Algarve.

Eis a carta:

Ex.º Sr.

José Alexandre da Fonseca
Dig.º Gerente da Sociedade Foz do Arade

FARO

De há muito que a opinião pública desta cidade se vem manifestando contra a injustificada conservação na melhor estância de turismo algarvia — A Praia da Rocha — das chamadas «ruínas do hotel», a todos os títulos condenáveis e condenadas a demolição.

Desta opinião, partilhada por numerosos turistas e forasteiros, fez-se eco, por várias vezes, a imprensa da Provincia e, até, da capital.

Em 22 de Agosto de 1955, esta Câmara, pretendendo resolver o assunto, oficiou a essa Sociedade perguntando qual a importância por que estaria disposta a vender a área de terreno compreendido pelas ruínas a fim de as demolir urgentemente, procurando entrar na sua posse, por compra amigável ou expropriação.

Em resposta, essa Sociedade comunicou que tinha mandado elaborar um projecto para a construção de um hotel no local, o qual estava praticamente concluído de modo a ser apresentado

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

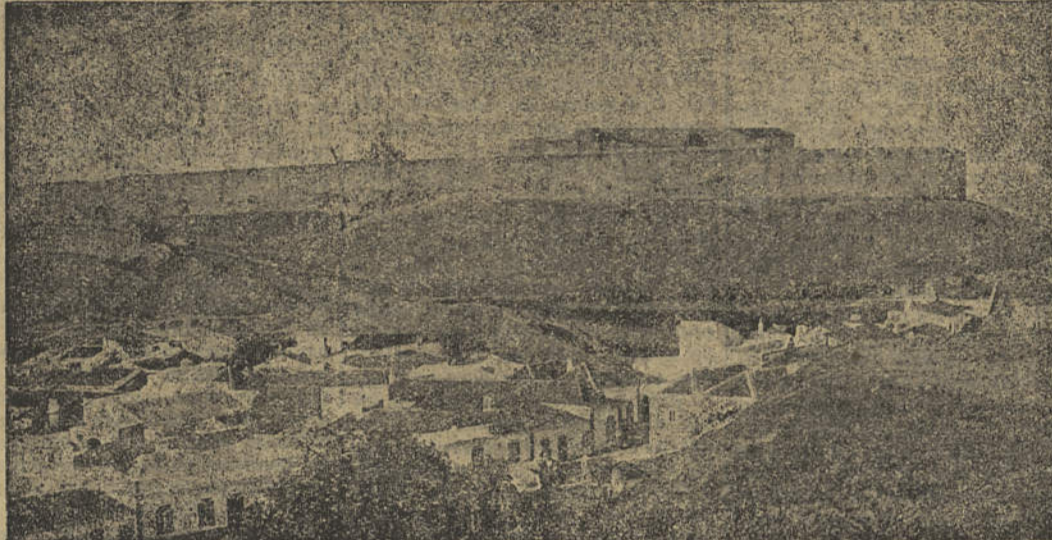
CASTRO MARIM e a grandiosidade do seu passado

Por A. DE MENDONÇA

Reconstrução do castelo, em 1312, por D. Afonso III. A conquista do castelo aos mouros por D. Paio Peres Correia. O ataque de Abul Kassim e a pronta intervenção de D. Afonso IV. A artilharia de Castro Marim e as suas enormes balas. Castro Marim e as Ordens Monástico-Militares. Castro Marim e o seu contributo nos descobrimentos portugueses. Castro Marim, hospital de Portugal. As Guerras Peninsulares e a defesa de Castro Marim contra o comandante Berthier. As lendas de Castro Marim e o mouro que se fez cristão. Castro Marim e a sua actualidade

pois os espanhóis, em 1640, e os franceses, na Guerra Peninsular, em 1808, levaram todos os documentos existentes no castelo e na igreja, o que torna ainda mais misteriosa a história de Castro Marim e muito dada a erros involuntários por insuficiente documentação.

Depois da reconquista do Al-



CASTRO MARIM - VISTA PARCIAL

AS origens de Castro Marim perdem-se na poeira dos tempos. Os mouros edificaram uma cidadela e eram protegidos por altas muralhas; mas, antes deles, já os romanos conheciam Castro Marim e, muito antes dos romanos, já os fenícios ali tinham uma feitoria, que era o seu entreposto de comércio com as povoações próximas, no curso do Guadiana.

Depois de várias pelejas entre cristãos e mouros, a cidadela ficou quase arrasada. D. Afonso III, depois de tomar o Algarve, decidiu mandar reconstruir a cidadela, tornando-a maior, e erguendo um formoso e imponente castelo, para defesa do Sotavento.

Na porta da cidadela está a seguinte inscrição, que torna verdadeira a acção deste rei:

«Era M CCC XII populavit Dominus / Rex Alfonsus, Portugalle et algarbie / Crstl Marim»

A data da inscrição (1312) refere-se à era Juliana. Pela era de Cristo, corresponde ao ano de 1274, quando reinava D. Afonso III. Pouco da história de Castro Marim pode ser documentada,

garve pelos mouros, D. Paio Peres Correia tornou a conquistar o castelo, mercê de uma luta incessante e sem tréguas, tendo os mouros fugido pelo rio Guadiana

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

À MANEIRA DE JOHN DOS PASSOS

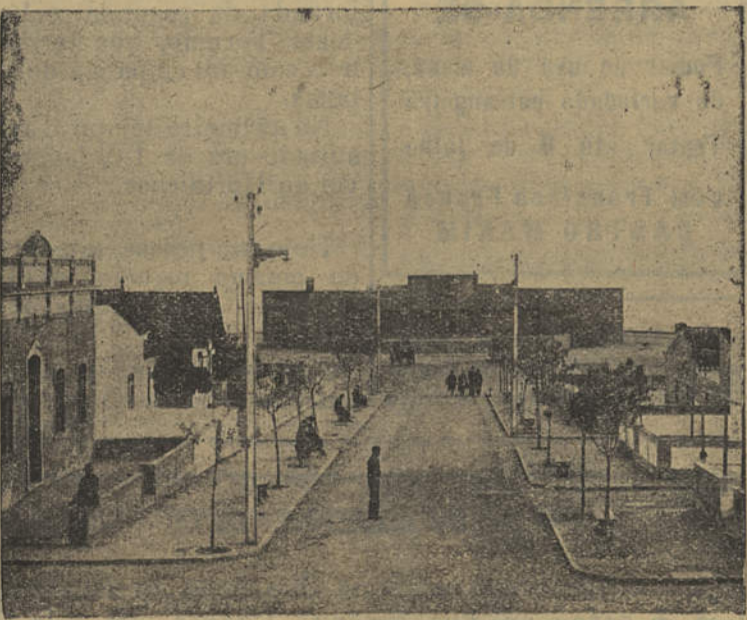
Suplemento Económico/Diário Ilustrado/A mecanização agrícola e os problemas de mão-de-obra/Sessenta e um por cento das plantações de chá de Ceilão pertencem a estrangeiros/A

distribuição de electricidade/Uma carta de Alain Barrère/Natureza e formas do «Dumping»/Macau e a libertação do comércio com a China.

A energia atómica inicia agora os seus primeiros e inseguros passos. Por esta razão a electricida-

gança contar ainda com 92% das suas freguesias por electrificar! Concordamos que muitos são os problemas, e todos eles de urgente solução, que assoberbam os governantes, mas é bom que os dinheiros públicos encontrem emprego adequado aos interesses vi-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



MONTE GORDO E A SUA VIDA TURÍSTICA

MONTE Gordo a Praia luminosa! A praia de areias finas, douradas, de águas límpidas, tranquilas e amenas, ladeada por uma mata verdejante que é um hino à Natureza.

Apesar de todos os atractivos naturais que a nossa magnífica praia oferece, ela não tem sido acarinhada convenientemente pelas comissões de Iniciativa e Turismo pois que algumas delas, na realidade só têm existido no papel.

Para bem do turismo lo-

cal e de modo a dar mais desenvolvimento a Monte Gordo, é absolutamente necessário modificar essa rotina, pois que a nossa Praia tem direito a ser olhada com olhos de ver, pelas entidades competentes, para que esta zona do Sotavento caminhe turisticamente, a par da sua congénere do Barlavento, pois que para tal não lhe faltam atractivos, uns criados pela natureza, outros pela mão do homem.

Além dos dotes com que

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

POR JOSÉ DOS SANTOS MARQUES

de continua ainda a ser a força que impulsiona a força económica das nações. Por largos anos haverá ainda que contar com ela para o bem estar de todos nós e para o progresso dos povos. Portanto, um país será tanto mais rico quanto mais electrificado for. Pelo pequeno quadro que o Suplemento Económico do «Diário Ilustrado» agora publica verificaram os portugueses que não haviam consultado as fontes próprias, que pouco mais estamos do que a meio caminho da total electrificação do País. Os dados estatísticos são eloquentes e devem pesar em nós bem profundamente.

Bem poucos daqueles que andam arredios das questões que se prendem com a economia da nação e com a sua paridade com os outros povos, conhecerão que o pouco que foi realizado, do muito que se impõe seja feito no domínio da electrificação da nossa terra, se deve, principalmente, a um homem que por ela lutou com desassombro e abnegação. E que quase nada do que foi feito existiria se não fosse a sua tempera de bom português e esforçado trabalhador. O nome desse homem deve ser lembrado para que a juventude possa render-lhe as homenagens que merece. Esse homem chama-se: J. N. Ferreira Dias Júnior, e é engenheiro.

No entanto, e apesar dos seus bons officios, continuamos a assistir à vergonha do distrito de Bra-

«A PLANÍCIE»

Completo o seu 5.º aniversário, este nosso prezado colega, que se publica em Moura.

Ao seu director sr. Miguel Serrano, e a todo o corpo redactorial o «Noticias do Algarve» deseja muitas felicidades.

Contos Góticos

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Um minuto, não mais

Disseram-me que a M. J. vai casar. Eu podia, a dar fé do espanto público, escarrapachar aqui um ponto de exclamação alto como um pinheiro. Deixá-lo. Não ponho. Ainda mesmo que me apontem como desmancha-prazeres. E' que vocês não sabem a crónica. Deviam conversar obra de um minuto com a A. C. se quisessem sabê-la a fundo, tim-tim por tim-tim. Todos os homens que entraram na vida da M. J. e saltaram (como diz, com um sorriso que não sei como interpretar, a A. C.) «com o carro em andamento» todos os escândalos, todos os bate-papos...

Não há, nestas conversas em que se fala do casamento da M. J., muito por onde, uma pessoa medianamente boa, possa agarrar de decência, de satisfação, de contentamento pela felicidade que alguém vai ter. E por isso me afasto, ou fico muito séria olhando para dentro. Simultaneamente enojada e interessada como o cirurgião que lança um abismo de pus.

Não apenas o sorriso de Gioconda

Disse-lhes há pouco que a A. C. tinha um sorriso que não sei como interpretar. Agora quero dizer-lhes que não há nenhum hieroglífico, por mais egípcio que seja, mais difícil de interpretar.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

AMIGOS...

O ilustre silvense Dr. José Garcia Domingues, em conferência realizada recentemente na sua terra natal, lançou a ideia da criação do «Grupo dos Amigos de Silves». E, ao que nos consta, a excelente iniciativa encontrou terreno propício para germinar, contando, desde já, com valiosos e prestigiosos amparos. Entre outros, Julião Quintinha, também preclaro silvense, escreve, no nosso estimado colega «Voz do Sul»: «... a tal iniciativa gostosamente me associe e procurem ser-lhe, e entendo que vale a pena tentar a experiência e assegurar-lhe o êxito».

Silves segue, desta forma, o exemplo de outras terras, onde os «Grupos de Amigos» têm prestado relevantes serviços. E' indubitavelmente um bom exemplo, dos tais que devem ser seguidos.

Nós próprios não hesitaríamos em fazer um apelo ao espírito de boa vontade, de desinteresse e de servir o bem comum dos oitavaleenses, propondo a criação do «Grupo dos Amigos de Vila Real de Santo António» se não soubéssemos, de antemão, que há um outro «Grupo» que açambarca, irresistivelmente, as nossas preferências e simpatias; o dos «Amigos... de Peniche».

Notícias PESSOAIS

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, seguiu em viagem para o estrangeiro o nosso prezado amigo sr. Teófilo Fontainhas Neto, importante armazenista de mercearias em S. Bartolomeu de Messines.

Depois de uma breve estadia em Lisboa, encontra-se em Castro Marim o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Afonso Gomes.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Alvaro Pina Duarte, empregado superior da importante firma inglesa Sena Sugar Estates, que, com sua esposa, sr.ª D. Divina de M. Pina Duarte, e seu filho, se encontra em gozo de férias na nossa provincia.

Regressou das Caldas de Monchique, onde esteve passando umas curtas férias, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Graciliano Vieira Carmo.

Em gozo de férias encontra-se nesta vila, o sr. António Domingos Mateus da Silva, filho do nosso prezado assinante sr. António Mateus da Silva.

Com curta demora esteve nesta vila, o nosso prezado assinante em Odeleite sr. prof. António H. Alves Rufino.

Em casa de seus pais, encontra-se nesta vila em gozo de férias o sr. Rui Correia Pacheco, filho do nosso prezado assinante sr. cap. Inácio Monteiro Pacheco.

Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa, o nosso prezado amigo e assinante sr. cap. Joaquim Guilherme Travassos.

Depois de ter regressado de Port Lyautey, encontra-se em Monte Gordo o nosso prezado assinante sr. Joaquim do Carmo Rosa.

UMA CARTA COM UMA ELUCIDAÇÃO DE UM LEITOR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

manário, que muito honra a Imprensa algarvia.

Tomou a liberdade de escrever a V. S.ª, pois, tendo tomado conhecimento que, num dos números do vosso colega local, foi publicada uma carta com o título de «Sugestão de um leitor», gostaria de esclarecer os leitores de Vila Real de Santo António acerca da veracidade das minhas opiniões e, como há certas passagens na referida carta que não correspondem à verdade, permita-me, sr. Director, que exponha as minhas razões.

A causa em questão são as propriedades do sr. Migone, o que posso muito bem atestar que não estão em ruínas, pelo menos não estavam quando da minha última estadia nessa minha querida vila.

Em 1877, existiu na nossa terra uma fábrica de conservas de peixe, pertencente a Doménico Migone, de nacionalidade italiana. Situava-se essa fábrica na parte sul da vila, na rua dr. Miguel Bombarda, e era dividida em duas partes: uma delas é presentemente a fábrica de mosalcos da firma Morando Stefano, também descendente de famílias italianas; na outra parte, está instalado o Clube Náutico de Portugal, que tão recentemente inaugurou a renovação das suas instalações, e a Capitania do Porto, sumptuoso edificio, tendo nessa altura a fábrica a porta de entrada para a rua Angelo Parodi.

Após muitos anos de actividade, a fábrica deixou de trabalhar, tendo o dono dado lugar a outros proprietários e indo os seus descendentes instalar-se em Olhão com uma

pretar do que um sorriso. Não só o Gioconda, valha-me Deus! Refiro-me a todos os sorrisos. Saber quando eles indicam lástima, ou ironia, ou satisfação, ou troça, ou indiferença — e agora ponham os leitores, por sua conta e risco, em fila indiana como os marrequinhos cuada, todos os sentimentos de que se lembrarem eis a dificuldade que só a poder de muita experiência e sabedoria e intuição psicológica — e mesmo assim... — pode ser transposta.

Felicidade e água mineral

Não sei se já repararam nos rótulos das águas minerais. Tanto de sódio, tanto de flúor, tanto de cálcio e magnésio, tanto disto, tanto daquilo, e depois, no fim, tantos por litro de substâncias raras. Podíamos, para cada sorriso, fazer um rótulo semelhante. Porque já cheguei à conclusão que um sorriso é um coquetel (como dizem os brasileiros) de vários sentimentos.

Vejo-me em palpos de aranha para explicar o sorriso da A. C. E' como se, no tal rótulo, houvesse uma espantosa percentagem de substâncias raras. Eu, que dava tudo quanto hei-de acreditar, só por ter escrito uma página da «Ana Karénina», não sei por onde hei-de começar para me fazer compreender. Fraca discípula Mestre!

A A. C. é uma rapariga séria. Não há, nem tanto como isto, que se lhe possa apontar. Ao longo dos quarenta e dois anos que tem, os seus pés pisaram sempre um terreno irrepreensível. Não casou. Bem, ainda não casou. Na sua opinião, ela estaria em número um na bicha da felicidade. Isto, claro, se houvesse justiça, se houvesse algo, em toda a geringonça do carrossel universal, parecido com equidade. De qualquer forma, nicles. E agora a M. J. O que nós sabemos. E com um rapaz

progressiva firma, de nome Giobatta Trabucco. Nada mais se soube do sr. Migone; unicamente, por ocasião das festas «Columbianas», o sr. Doménico Migone foi visto no Convento da Ordem dos Carmelitas Descalços, em Arrábida, Huelva, Espanha.

Ora, como demonstré, estes prédios não estão em ruínas. Certamente foi «erro de pontaria», pois, no lado oposto da vila, no lado norte, existe, de facto, no sentido nascente poente, um rectângulo que vai desde a rua Barão do Rio Zézere até à rua da Princesa, que, segundo me consta, pertence ao sr. António Soares Barreto e que, há muitos anos, o alugou para uma fábrica de salga ao sr. Luis Pistone, de nacionalidade italiana. Porém, em face da curta duração da mesma fábrica, foi o imóvel alugado a uma firma grega de nome «Pappaleonardos», que tinha como gerente o sr. Michels Vitale. Esta firma durou até cerca de 1922. Daí em diante, nunca mais o referido imóvel teve qualquer actividade industrial, estando hoje num autêntico pardieiro, especialmente na rua da Princesa.

Quanto a montureiras, existiam muitas, de facto, mas a Câmara, pouco a pouco, tem-nas feito desaparecer.

Agradecendo a publicação, etc.

Muito grato,

Um amigo da nossa terra

Aos nossos leitores, a quem o assunto interessar, aqui deixamos esta interessante carta, que virá iluminar alguns pontos obscuros da questão.

bem colocado, rico, boa figura! Não dá vontade de rir? De despeito, de ironia que atinge terra e céu, de inveja, de crítica, de maldade...

A A. C. sorri. Baixo os olhos e retro-os e fujo como se toposse uma osga. Uma osga que me dá repugnância e pena.

Fora do Reino, meu Deus! E a pontapé!...

Ja eu pela rua fora. Era manhã. Manhã de Junho quente. Junho ardente. Eu pela sombra, de olhos no chão, como geralmente ando. Pode supor-se que ando sempre no outro mundo, a filosofar. Mentira. Quando me dá para isso não gosto de me enadir do mundo onde moro. Faço isso por tática. Sou míope. Parece que estou a olhar muito a direito e no fim não sei quem é. O que já me tem trazido complicações...

Eu pela rua fora quando ouço: — Pst, Pst.

Volto-me. Era um menino rotinho com um cabaz nos ombros. Um cabaz monstruoso com batatas, pacotes, garrafas de azeite. Um cabaz do tamanho do mundo. Ele, sem poder levantar a cabeça, pergunta-me: — Sabe-me dizer se o 58 ainda é longe?

Volto-me. Fico aterrorizada. A porta, a meu lado, tem o numero 6. O menino — porque é um menino, um menino de cabra-cega e pião — geme, arfa violentamente. Digo-lhe que o 58 é mais adiante, ele que vem comigo, eu também vou para cima. Se eu pudesse, se eu tivesse um quilograma de força nestas ervilhas miseráveis a que me chamaram braços depois de, à força, desviadas do seu destino de asas, se eu tivesse, levantava o cabaz, punha-o à cabeça orgulhosa e feliz como se levasse um chapéu de Dior.

Humanitarismo barato. Não resolvia nada, há milhares — que digo eu! — milhares de meninos por esse mundo, arrancados a pontapé do Reino Maravilhoso. De qualquer maneira, puxo pela lingua ao menino da minha beira, já amarrado às galés. E quando chegámos ao 58, fico a saber que se chama António, que não tem pai, que anda à noite no curso comercial que teve doze a matemática e oito em português que ganha 120\$0, por mês. Só não me disse uma coisa boa que lhe aconteceu hoje; que chegara ao longínquo 58 quase sem dar pelo caminho, conversando, desabafando a vida...

Porque às vezes, até para os meninos do pião, a vida pesa mais do que um cabaz de mercearias.

Marla Manuela Nunes

ARRENDAR-SE

Pomar de uva de mesa, de variedade estrangeira. Tratar até 8 de Julho com Francisco Franco CASTRO MARIM

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio

VENDEM-SE

5 casas pequenas na Rua João de Deus, e 3 casas na Rua Pinheiro Chagas, em Vila Real de Santo António. Informa-se nesta Redacção.

VAI CASAR UMA SUA AMIGA? NÃO SABE O QUE LHE OFERECER?

VISITE A

MERCEARIA NOVA

JOSÉ BENTO DE SOUSA E FILHO

onde encontrará os mais bonitos brindes em

VIDROS E LOUÇAS

das melhores qualidades, não pagando luxo

Rua Barão Rio Zézere, 19 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



PROVINCIA

TAVIRA

Curso de Corte e Bordados Para encerramento dos Cursos de Bordados «Oliva», realizaram-se nos dias 1, 2 e 3, nesta cidade, várias festas, em que se destacaram exposições de trabalhos das alunas e apresentação de novos modelos de máquinas. Hoje realizar-se-á uma sessão solene e, à noite, no Parque Municipal, efectuar-se-á um passatempo musical, com a colaboração da Orquestra «Euterpe».

Agradecemos o convite feito pelo agente oficial da «Oliva» sr. Sebastião José da Luz.

Crise de habitação

Continua sem resolução a crise de habitação nesta cidade. Não se constroem bairros nem se arranjam as casas que se encontram por alugar, em virtude de serem casas pequenas e as suas dimensões não terem condições para os melhoramentos agora exigidos pela Câmara Municipal, medida que outros municípios do Algarve não acompanham, por ser contrária à falta de casas. A iniciativa particular nada constrói, por faltarem terrenos para tal, quando continuam no centro da cidade imensas hortas e quintais, que poderiam ser expropriados por utilidade pública, já que os seus proprietários pedem uma exorbitância pela sua venda.

O Marco Fontenário

Não há meio de ser dado à luz do dia o marco fontenário no Largo do Jardim Municipal, uma das zonas mais concorridas nesta época pelos visitantes, que, uma vez ali chegados, vêem muita coisa que os deslumbra menos uma fonte para beberem água. A entrada de Tavira, continua ainda por ser arranjada a instalação dos novos candeeiros com luz fluorescente, o que denota um certo atraso em relação com a entrada da avenida Dr. Mateus Teixeira Azevedo. Isto, numa cidade que quer ser estância de Turismo, não se concebe. Igualmente, as obras do novo edificio dos Paços do Concelho vão lentamente progredindo.

Estádio do «Ginásio»

Tem sido muito notado pelos frequentadores deste recinto, nos dias de grande calor, quando ali se realizam competições desportivas, o mau cheiro que se exala dumas fossas que existem ao lado do referido recinto, por motivo de não haverem canalizações até ao mar. Chamamos a atenção do sr. Subdelegado de Saúde. — E.

Torneio Popular DE FUTEBOL

No passado domingo, disputou-se o jogo em atraso entre o Hortalense e o Celeiro, correspondente à 2.ª jornada da segunda volta deste Torneio, que terminou com um empate a duas bolas.

No primeiro tempo o resultado era de 1-0, favorável ao Hortalense.

Hoje, em prosseguimento do mesmo torneio, realizar-se-ão os seguintes encontros:

Hortalense-Atlético — 16 horas
Guadiana-Celeiro — 18 horas

ODELEITE

Caminhos

Todos os caminhos públicos ou de proprietários encontram-se em tal estado, que só com muita dificuldade se pode transitar por eles. Noutros tempos, por iniciativa particular ou por incitamento das autoridades locais, de vez em quando, na época das chuvas, em conjunto, todos os chefes de família reparavam os caminhos.

Como se a Estrada Nacional desse acesso a todos os lugares, votamos ao abandono o que só a nós interessa.

Os primeiros, diz o povo: pagamos imposto de trabalho e, assim, damos a nossa prestação; e os segundos, pela simples razão de todos os proprietários estarem modernizados e com empregados que tratam da lide agrícola, pouco lhes importa o seu estado de conservação.

Dirigentes e dirigidos encontram-se debaixo do mesmo céu e, por consequência, em igualdade de circunstâncias. Proprietários estes e aqueles; fazem reparos, uns; e, outros, ouvidos de mercador, quando não descambam para a crítica mútua.

Para onde emigraria o espírito de solidariedade, os esforços conjuntos tendentes a um bem comum e à sua moral que sabem apregoar, para demonstrarem que sabem pensar? Talvez para o país da fantasia, onde as realidades ficam muito àquem.

A menos de dois quilómetros desta aldeia, localiza-se o monte da Fonte do Penedo, a quem o vulgo chama Amareleja. Pois o caminho que lhe dá ingresso é um autêntico carreiro de cabras, vendendo, de facto, bem amarelo quem pretender seguir por ele.

Pouco admira, porém, porque dentro da própria aldeia há ruas, ou bocados delas, que de noite só com luar e boa vista se pode nelas passar.

Desastre

Quando o sr. João Madeira Rosa se dirigia à vizinha aldeia do Azinhal, no seu «scooter», ao pretender desviar-se de uma galinha, no sítio do Vale das Galãs, sofreu uma queda, o que lhe originou a deslocação óssea de um braço e várias escoriações no mesmo.

Boas melhoras e que torne brevemente às suas ocupações, são os nossos votos.

Doente

Por ter sido acometido de uma síncope, encontra-se gravemente doente o nosso amigo sr. António Rodrigues Merca, a quem desejamos pronto restabelecimento.

Lavadouros

El hábito, muito antigo já, as mulheres deste sítio lavarem as roupas na ribeira; e, como não existem lavadouros demarcados, ocupam os lugares que melhor lhes convém.

Porém, nesta época, a ribeira deixa de correr com intensidade, pelo que, em resultado da lavagem da roupa, a água apresenta um aspecto repugnante, tornando-se imprópria para o consumo dos animais que ali vão dessecar-se.

Nesta região, 100% agrícola, abundam os animais. Ora, se todos fossem beber ao poço público, mais repugnante se tornaria o seu aspecto. Como é de presumir, torna-se forte ter de percorrer algumas centenas de metros à procura de água potável, em certas horas do dia, mormente nestes tempos de calor, com o pessoal e o gado extenuados da intensa faina do campo.

Não é nosso intuito desejar que se acabe com a lavagem de roupa na ribeira — o que, aliás, talvez fosse de aconselhar — por ser de imprescindível necessidade.

Apelamos, portanto, para a boa vontade das entidades competentes e alvitramos, a seguir, o que se nos afigura viável: no lado sul desta aldeia há um «pego», conhecido pelo do «posto da Alfarrobeira», que podia ser reservado para o fim a que nos vimos referindo; e, no lado norte, idêntica reserva, apesar de menos necessária, mas útil, também. — C.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António De 29 de Junho a 5 de Julho:

TRAINEIRAS	
Ramira	321.960\$00
Raulito	299.275\$00
Aldita	277.550\$00
Norte	233.650\$00
Audaz	212.140\$00
Agadão	200.493\$00
Maria Rosa	191.000\$00
Pérola do Guadiana	182.495\$00
Lagoa Azul	171.585\$00
Flor do Guadiana	167.455\$00
Brisa	159.320\$00
Flor do Sul	157.170\$00
Rajada	144.380\$00
Triunfante	144.300\$00
Lenita	142.165\$00
Conceicanita	139.280\$00
Malaca	121.170\$00
Deolinda Rita	106.140\$00
Infante	99.440\$00
Mogador	88.285\$00
Liberta	84.950\$00
Portugal VI	72.800\$00
Tozé	66.590\$00
Maria Sérgio	59.025\$00
Sul	57.880\$00
Levante	55.000\$00
Total	3.955.498\$00

CERCOS	
Lívio	107.600\$00
Novo Machado	62.520\$00
Total	170.120\$00

Atum da Costa Algarvia	
289 Atuns	281.924\$90
27 Atuarros	15.033\$30
1 Albacora	466\$70
Total	297.424\$90

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 29 de Junho a 5 de Julho:

Entrados: FRAMAR, Italiano, de 499 ton., de Leixões, com carga em trânsito. ZE' MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio. Saídos: ZE' MANEL, Português, para Lisboa, com minério. FRAMAR, Italiano, para Livorno e Génova, com conservas.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 6 a 12 de Julho, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

Quem perdeu?

Encontram-se depositados no posto da Polícia de Segurança Pública, os seguintes objectos que serão entregues a quem provar pertencer-lhes: Um saco de plástico com roupa, um livrete de bicicleta e um sapatinho de bebé.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«O CISNE NEGRO»

Editado pelos Estúdios «Cor» apareceu à venda nas livrarias, mais um magnífico romance do notável escritor alemão Thomas Mann, de quem já tínhamos lido, na mesma colecção, «As confissões de Felix Krull, cavalheiro de Indústria».

O romance agora editado, onde os personagens são admiravelmente analisados nas suas reacções físicas e psicológicas, narra a história de uma mulher viúva que se apaixona por um jovem americano.

«GOLO»

Continuamos a receber esta magnífica revista ilustrada de desporto, que muito honra a Imprensa portuguesa, da modalidade.

«VIAGEM»

Igualmente continua a chegar periodicamente à nossa Redacção esta magnífica revista, sempre com interessantes artigos, fundamentalmente turísticos.

Simple ou... com água Doça em toda a parte...



Clínica de Santo António
(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)
sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre
Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

VAI CASAR UMA SUA AMIGA? NÃO SABE O QUE LHE OFERECER?
VISITE A
MERCEARIA NOVA
DE
JOSÉ BENTO DE SOUSA E FILHO
onde encontrará os mais bonitos brindes em
VIDROS E LOUÇAS
das melhores qualidades, não pagando luxo
Rua Barão Rio Zézere, 19 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O «Noticias do Algarve» torna o Algarve maior, fazendo-o chegar a toda a parte. Faça com que o Algarve chegue cada vez mais longe, conseguindo um novo assinante.
UVA DE MESA
Arrenda-se a VINHA ARMADA da Quinta das Várzeas (Areia).
— CACELA —

CASTRO MARIM e a grandiosidade do seu passado

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

e, outros, capitulado. Castro Marim representava para eles um baluarte precioso, não só para a conquista de todo o Algarve como também para entreposto comercial e defesa do rio Guadiana.

Começaram os sarracenos a invadir a Espanha, vindo-se D. Afonso XI de Castela em risco de ver perdida a nacionalidade, pelo que decidiu pedir ajuda a sua esposa, princesa D. Maria de Portugal e rainha de Espanha, que chamou seu pai, D. Afonso IV de Portugal, em seu auxílio.

D. Afonso IV saiu de Lisboa e dirigiu-se a Castro Marim, onde levou, junto das suas hostes, os melhores cavaleiros do castelo, a fim de o ajudarem nas batalhas em terras espanholas.

Castro Marim ficou desguarnecida. Os melhores cavaleiros tinham partido e somente um pequeno grupo de homens estava a cargo da defesa. Este facto não passou despercebido aos mouros, que o aproveitaram para virem pôr cerco a Castro Marim.

Assim, o antigo governador desta vila algarvia, Abul Kassim, organizou uma esquadra com os seus melhores navios e os homens mais aguerridos.

Acompanhado de cerca de dez galés mouras, todas enriçadas de virotas e lanças, entrou pelo Guadiana, entoando cânticos guerreiros e de vitória.

Seguindo pelo esteiro, veio pôr cerco ao castelo, exigindo a capitulação da praça.

D. Afonso IV, depois da Batalha do Salado, sabe da notícia e apressa a sua partida para vir salvar Castro Marim.

Dentro de dias, estava à vista, lá no alto do seu monte verdejante, o formoso castelo e as galés mouras de velas coloridas.

O encontro entre as tropas cristãs e as maometas foi terrível e sangrento. Depois da refrega, os mouros tinham deixado pela encosta do castelo grande quantidade de mortos e feridos.

Este facto é, de certo modo, confirmado pela abertura de uma vala que há anos se fez em frente da igreja de N. S.ª dos Mártires, e onde foram encontrados, todos empilhados, grandes quantidades de esqueletos de enormes estaturas, o que prova que foi aberto, ali, um fosso, depois da pejeira, para enterrarem os cadáveres.

Depois da batalha, em sinal de regozijo e para agradecer a Deus o triunfo, presume-se que D. Afonso IV tenha mandado erguer a igreja de N. S.ª dos Mártires.

Mais tarde, muitos anos depois, com o advento da artilharia foram o castelo e a fortaleza equipados com enormes canhões de bronze, mais tarde transportados para Lisboa, na chalupa «Esperança», de mestre Honrado, em 1847.

Hayiam no Castelo 2.130 balas de diversos diâmetros, no Forte de S. Sebastião 1.520 e no Forte de Sto. António 426.

Castro Marim foi o berço de várias ordens Monástico-Militares. A primeira a estabelecer-se nesta vila foi a dos Templários, que ajudaram a expulsar os sarracenos do primitivo castelo e encarregaram-se da sua defesa. Ali se mantiveram até à data da sua extinção, tendo vindo de Espanha alguns cavaleiros de S. Thiago da Espada.

D. Dinis, não achando por bem a defesa do castelo entregue a portugueses e espanhóis, fez uma petição ao Papa XXII, que, depois de muitas controvérsias e

diplomacias, desligou os cavaleiros portugueses daquela ordem espanhola.

D. Dinis, não se conformando com a extinção da Ordem dos Templários, fundou em Castro Marim, em 14 de Março de 1311, a Ordem de Cristo, sendo seu primeiro mestre D. Gil Martins, tendo esta Ordem passado a defender o Castelo.

Se analisarmos bem a história dessas ordens militares, vemos, não sem grande surpresa, que o Infante D. Henrique era Mestre da Ordem de Cristo, estabelecida em Castro Marim.

O Castelo, muitas vezes, lhe serviu de guarida; e, muitas vezes também, ali repousou, depois das agruras de uma jornada a cavallo de Sagres até àquela vila.

As visitas do Infante, geralmente, tinham o fim de vir buscar voluntários e fundos para poder enviar as suas caravelas em busca de «novos Mundos».

Castro Marim, hoje vila pequenina e ainda ladeada de ameias e antigas construções, já foi capital de Portugal!

Talvez pareça incrível ao nosso prezado leitor, mas é melhor historiar os factos.

Napoleão, na sua enorme febre de conquista, na sua efêmera visão de Imperador da Europa, enviou tropas para Portugal a fim de conquistarem esta «pequena parcela de terreno», que, a seu ver, «seria coisa fácil».

Três invasões suportou Portugal e todas elas foram derrotadas, deixando nas nossas mãos os estandartes orgulhosos da águia napoleónica.

Na terceira invasão, quando o país já não tolerava os aviltamentos feitos pelos franceses, um grupo de nobres e vários patriotas decidem fugir de Lisboa e refugiarem-se no Castelo de Castro Marim.

Al, no dia 21 de Junho de 1808, esses patriotas, fiéis a D. Maria I, proclamam a independência e fazem o baluarte de Castro Marim capital de Portugal!

Os dirigentes franceses, sabendo do acto ousado desse pequeno punhado de portugueses, marcham do Alentejo, comandados pelo coronel Mazarin, e vêm reunir-se, em Vila Real de Santo António, com o comandante Berthier, que estava aquartelado nesta vila.

Juntos, marcham direitos ao Castelo, que, inexpugnável, lhes sorri, lá do alto.

O povo, tendo conhecimento do avanço dos franceses, carrega apressadamente os enormes canhões e viram-lhes as bocarras para a vila pombalina.

Comandados pelo Capitão de Ordenanças Silvestre Falcão, os portugueses, mal avistaram as tropas francesas, abriram fogo, tão certo que, em breve, os inimigos partiam em debandada, com o povo de Castro Marim atrás deles, armado de espingardas e chuchos, tendo as tropas napoleónicas deixado prisioneiros um oficial e 45 soldados.

Dentro em pouco, todo o país começou a insuflar-se de vida nova; as guerrilhas e os combates aumentaram, tendo todos os franceses sido expulsos de Portugal. O Duque de Wellington tomou a regência do Reino, agora já com a capital de novo em Lisboa.

Toda a história de Castro Marim nos prende pela sua diversidade e encanto de patriotismo. Toda a sua história nos fala ao coração e não são menos belas que as suas páginas, glorificadas pela luta de Portugal uno, as suas lendas maravilhosas, todas elas

com um cunho de suposta realidade e de encantadora fantasia. No Castelo e na Fortaleza diz o povo habitarem mouras encantadas que, no mês de Maio, por altas horas da noite, penteiam seus lindos cabelos ao luar. Mas outros duendes habitam esses velhos muros, outrora cobertos de glória: são os «mourinhos», que dão fortunas enormes a quem eles gostam.

A lenda do mouro que se fez cristão é das mais lindas de Portugal. Data dos anos de 1300 a 1400 e a sua descrição, em verso, possui o estilo da nossa primeira literatura.

Esta lenda é bem conhecida em todo o país. Ela narra as desventuras de um pobre pescador cristão que, no seu frágil batel, pescava no alto mar, quando um corsário mouro o aprisionou e o levou para Almeria, onde, num mercado de escravos, o vendeu a um rico mercador de Arzila.

O pobre pescador, todo o dia, moía canela e, para que a não comesse, o mouro amordaçava-o. Quando a noite vinha, dessas noites quentes e de céu sangrento, o mouro fechava-o numa caixa de madeira, toda chapeada de ferro, e, para que não fugisse, deixava-se em cima dela.

Uma noite, o céu nublou-se e no ar havia o preságio da aproximação de uma tempestade.

Dentro em pouco, uma chuva quase diluviana começou a cair sobre Arzila. Enorme cheia alagou a cidade; e, em breve, a caixa onde o cristão dormia, com o mouro em cima, foi levada pelas águas.

Três dias andaram à deriva, com o cristão a rezar pela sua sorte.

Um dia, em Castro Marim, os habitantes ouviram o galo da igreja cantar e os sinos tocarem, sem que ninguém os tangesse.

Por intuição, dirigiram-se para a ria e depararam com a enorme caixa, estando o mouro a libertar o cristão, tendo o sarraceno pedido para o baptizarem, pois queria converter-se à religião cristã. Logo, foi levado à Ermida de N. S.ª da Fontinha e baptizado com a água da fonte que brota aos pés da virgem. Nesse mesmo local, nasceu um viçoso freixo, que ainda hoje pode ser visto.

A atestar a veracidade da história, existem, penduradas numa das travessas do tecto da igreja de N. S.ª dos Mártires, umas pesadas correntes, que dizem ser as que prendiam o pescador.

Existe também uma tela, na referida igreja, que representa as autoridades de Castro Marim a ouvirem o cristão contando a história do seu infortúnio.

Tudo isto pertence ao passado, ficou apenas registado de gerações em gerações, onde avulta a fantasia, polvilhada de pequenas realidades.

Hoje em dia, a pequena vila, desagregando-se do manto protector do seu castelo, vai aumentando, e várias indústrias vão, pouco a pouco, estabelecendo-se, fazendo esquecer o mito de uma vila perdida na poeira dos tempos e a viver à sombra do passado.

Grandiosa foi a sua história, mas, no entanto, todos os habitantes e a Câmara Municipal conjugam os seus esforços, para que o futuro seja tão brilhante como o passado.

Que assim seja, são os nossos votos.

A. de Mendonça

Assinal e propagai «Notícias do Algarve»

MONTE GORDO E A SUA VIDA TURÍSTICA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

a Natureza a prendou, tem a Praia de Monte Gordo o «Casino Oceano» de linhas modernas, localizado numa posição esplendida, sobranceiro ao mar, com uma magnífica esplanada donde se disfruta um encantador panorama marítimo, além das suas belas e higiénicas instalações.

Uma necessidade porém se impõe, para que esta zona turística tenha o merecimento que lhe é devido. Monte Gordo fóra da época balnear, é uma povoação quase deserta, sem qualquer atractivo sem a minima hospitalidade e comodidade.

Para que esta magnífica estância balnear e turística, possua a sua vida normal e encantadora, é necessário que o Casino esteja aberto durante todo o ano, mantendo um bom serviço de restaurante, ligado a uma pensão com quartos limpos e agradáveis, para dormidas; só assim a nossa maravilhosa praia poderá ter vida durante todo o ano, como a Praia da Rocha, no Barlavento algarvio.

De modo a não prejudicar os turistas e os estrangeiros, os serviços de hotelaria, devem ser entregues a pessoas com a devida idoneidade hoteleira, preocupando-se mais em bem servir do que explorar.

O clima do Algarve é um clima ameno, durante todo o ano, a fronteira com o nosso vizinho país, faz com que seja grande o movimento de estrangeiros e turistas, que ao percorrerem a estrada nacional, encontrariam desde Cacela a Monte Gordo, cartazes turísticos convidando-o ao repouso na referida Praia.

Durante o verão, Monte Gordo, tem também que ver solucionado o problema da restrição da luz eléctrica, pois como Praia de 1.ª ordem, tem que dar atenção e regalias, o que aliás mais não é do que a devida comodidade, aos veraneantes que a frequentam há tantos anos.

Sobre os serviços de transportes colectivos de passageiros também tem de ser melhor servida.

Estamos certos que, com a boa coadjuvação da Comissão de Iniciativa e Tu-



Secção orientada por DAVID LOPES

O PROBLEMA DO CINEMA NACIONAL (4)

Comentado e discutido por David Lopes, Candelas Nunes e José Espinho

(Continuação do número 212)

J. E. — O mesmo se poderá dizer, em relação ao documentário.

D. L. — Claro. Infelizmente, as possibilidades do documentário têm sido postas de parte, no nosso país. Nem só as produções de grande metragem podem constituir arte cinematográfica. O documentário também é arte. Não serão documentários as obras mais válidas da nossa cinema, e a nossa obra-prima, «Douro, Faina Fluvial», de Manuel de Oliveira? Porque não retomar o caminho deste realizador? Como o formato reduzido, a realização do documentário, poderá servir de base à criação de um cinema eminentemente nacional. Com as poderosas características sociais que o documentário possui, haveria a possibilidade, dos nossos problemas serem convenientemente tratados. Mas os nossos homens de cinema, sempre na mira dos lucros fáceis e desconhecendo em absoluto o valor do documentário como arte, (salvo aquelas raras excepções que nos têm dado, precisamente, os melhores momentos do cinema português) embotam, de há muito tempo, o gosto do público, com inspidas curtas metragens, que nada têm de comum com as aspirações do nosso povo. E notório que esses mesmos senhores desconhecem a existência de um Joris Ivens, um Flaerty, um Lamorisse, um Henry Watt, ou um Bert Haanstra documentalistas valiosos que excelente tributo prestaram à causa do cinema.

C. N. — Exactamente. Alega-se, em desabono do documentarismo que, sendo

quase sempre subsidiado, para poder sobreviver, ele fica automaticamente numa posição de dependência formal e temática que o impede de cumprir a sua missão social. Isto é falso. Se estudarmos a obra dos mestres do documentário, ver-se-há que, ela própria, se encontrou, por vezes, nesta situação, sem que isto a impedisse de se guindar a um plano extraordinário.

Sem querer apontar mais exemplos, basta lembrarmos-nos das obras de Flaerty, de Mary Field, de Bert Haanstra; de um «Nanouk», filmado no polo ao serviço de um armazém de peles; um «Louisiana Story», financiado pela Shell; um «This is England», ou «They made the land», custeados pelo Ministério Inglês da Agricultura; um «The Rival Wold», de Haanstra, igualmente ao serviço de uma empresa petrolífera. Bastam estes exemplos (há muitos mais) para deitar por terra tal argumento. O documentarismo deverá ser, em primeiro lugar e antes de mais nada, o relator fiel das actividades, acontecimentos e anseios dos povos em determinado momento histórico.

J. E. — Parafrazeando Nuno Portas, «para um cinema novo», torna-se portanto necessária a criação de bons documentaristas de hoje, excelentes cineastas de amanhã. E oxalá que, para tal, se aprenda a conhecer o cinema de formato reduzido e a aproveitar as suas inúmeras vantagens. Na junção destes dois elementos, documentário em 16 m/m, está certamente o milagre que poderá tirar o nosso cinema da situação caótica em que se encontra.

(Continua)

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

D. B.

SALVE QUEIMAX
CONTRA QUEIMADURAS DO SOL

Não deseja os seus filhos com vermelhões nem queimaduras do Sol? Friccione-os, levemente, com QUEIMAX, produto indispensável a todos os Banhistas.

À venda nas Farmácias e Drogarias

a marca

3 FEVEREIRO 1928

PINTURA PETRIFICANTE
registada em 1928
Sob o N.º 251-581
pelos
Etab. VAN MALDEREIN

Sempre designou
EXCLUSIVAMENTE
o verdadeiro

SILEXORE
PINTURA PETRIFICANTE
CRIADO EM 1866
cuja QUALIDADE é INIMITAVEL!!!

Se queréis ter a certeza duma grande duração na pintura exterior do vosso imóvel e uma perfeita impermeabilidade contra a intempérie e contra o ar salino, Pintai com

SILEXORE

A melhor e a mais económica DAS TINTAS DA ACTUALIDADE

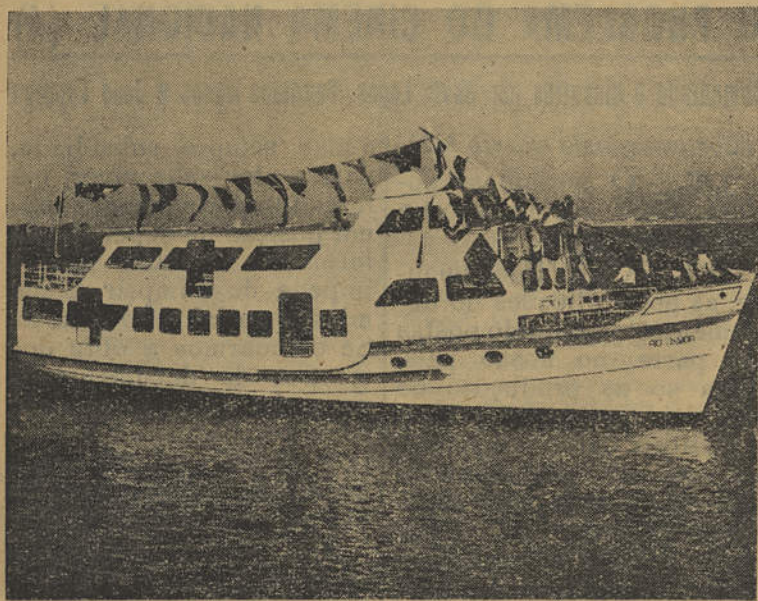
Consulte os nossos serviços técnicos SEM QUALQUER COMPROMISSO

DISTRIBUIDOR GERAL PARA PORTUGAL

V. T. MARTINS
RUA DA PRATA, 59-3.º ESQ.
TELEFONE 23690
LISBOA



BARCO A MOTOR "RIO JAMOR"



Conforme tínhamos anunciado no número anterior, foi lançado à água, pelas 16,58 horas do passado domingo, perante numerosa assistência, que enchia por completo os terrenos anexos ao estaleiro do sr. António Pena, o magnífico barco a motor «Rio Jamor».

O «Rio Jamor» vem honrar não só o seu construtor, como também a nossa vila e a construção naval de todo o Algarve.

Esta magnífica unidade naval foi construída com a estrutura em alumínio, para a firma lisboeta «Empresa de Transportes Tejo, Lda.», e destina-se ao tráfego entre Lisboa e Cacilhas.

Tem 26,50 metros de comprimento e 6,42 metros de largura, possui um potente motor de 475 H. P. e a iluminação eléctrica, distribuída por todas as dependências, é fornecida por um gerador de 12 H. P. Além disso, foi dotado com um projector de grande alcance e um aparelho de radar.

Possuindo confortáveis assentos, tem capacidade para 400 passageiros.

Enquadrado no vasto e belo panorama do Guadiana, o «Rio Jamor» dava uma nota alegre, com as suas linhas modernas e a sua alvíssima estrutura.

Depois do acto inaugural, com a presença dos srs. José Luís Sanchez Gonzalez, sócio gerente da firma, Carlos Meireles, fiscal dos trabalhos, e do sr. António Pena, construtor desta magnífica unidade, foi servido um «Porto de Honra», no Café Império, a numerosos convidados, donde se destacavam várias individualidades da nossa vila.

Usaram da palavra os srs. Manuel Horta e Carlos Meireles. Depois de vistoriada, a nova unidade seguirá para Lisboa pelos seus próprios meios.

TEATROS PROFISSIONAIS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ta, enfim, dizer que essa protecção foi levada ao ponto de colocar as empresas na obrigação de conceder a comediantes muitas vezes mediocres e anti-populares, ordenados incomportáveis, na ordem das dezenas de contos.

Com esta atmosfera e neste ambiente, a nossa vida teatral apenas nos dá o espectáculo de actores que, sem direcção, sem orientação, sem interesses artísticos, lutam uns com os outros para ocuparem os primeiros lugares no cabeçalho dos cartazes e à frente dos vencimentos. Quase sempre, a vitória pertence, não aos actores de maior mérito (lembramo-nos de uma Maria Barroso, afastada do teatro, de um João Villaret viajando entre as revistas e o exílio, de uma Brunilde Júdice, condenada a papéis secundários, de um Assis Pacheco, etc.), mas aos actores de mais fácil acesso aos organismos que condicionam a vida teatral.

O que se pode concluir de todo este condicionalismo oficial é que, para salvaguardar os interesses dos comediantes, foram sacrificadas todas as condições de iniciativa, de liberdade, de existência dos outros, tantas vezes mais importantes factores de produção teatral. Assim se criou uma situação que desde inicio impede qualquer desenvolvimento da dramaturgia portuguesa, pois nela não há lugar para os principais elementos determinantes da evolução artística: não há lugar para o director teatral, nem para o encenador, nem para o empresário. Os

dois primeiros nem sequer podem ser profissionalmente reconhecidos pelos organismos estaduais ou corporativos; o último não encontra as mínimas condições de existência como se prova pelo facto de só quase poder ser empresário quem previamente tiver contraído matrimónio com uma actriz.

Os malefícios desta situação foram acentuados e fortalecidos pela orientação que se deu, nesta temporada, à concessão de subsídios do Fundo do Teatro. Com efeito o Fundo do Teatro afastou a única empresa que era dirigida por intelectuais (como as provas irrefutáveis que o Teatro d'Arte deu durante duas temporadas), e impôs a formação de companhias dirigidas por actores que deram a previsível e prevista temporada de descrédito, que poderá cair sobre a dramaturgia portuguesa dos próximos anos.

Não é possível julgar-se que se pode ressuscitar, em Portugal, no século XX e com censura prévia, a «Comédia del'Arte», que, essa, era teatro exclusivamente preparado e improvisado pelos actores; será anacrónico imaginar que podemos recuar ao princípio deste século, ao tempo dos Rosas e Brazão, que, aí, o teatro era ensaiado em quinze dias, representado com mais ou menos talento, em longas tiradas e sempre igualmente aplaudido por um público que não ia ao estrangeiro, que não conhecia o cinema, que gostava de festas.

Só o desconhecimento primeiro, do que é o teatro, segundo do que são os ac-

A MANEIRA DE JOHN DOS PASSOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tais do país, e a electrificação será, porventura, daqueles que mais angustiosamente o reclamam.

Natureza e formas do «Dumping» / A situação económica alemã / Protesto de Letras.

Outro quadro, patenteia aos nossos olhos a situação económica em que se debate o pequeno comércio. Este gráfico da evolução das letras protestadas evidenciá-nos, nos seus risquinhos, que 1956 foi o ano trágico — desde 1949 — para o pequeno comércio, que se viu forçado a abalar o seu crédito deixando protestar as letras que se viu forçado a aceitar — e quando se aceita letras é porque as coisas caminham já com dificuldade, ou porque o crédito já não acenta, como outrora, na base firme da palavra dada. Hoje em dia é com crédito ou com dinheiro que se compram e negociam mercadorias. E quando o crédito encontra a sua segurança em letras e as letras se protestam é porque a crise é muito maior do que se murmura e pensa.

Resta evitar que a economia acente em bases tão inseguras e que se deixe andar à mercê de crises a vida e os bens dos indivíduos. A política económica — mais do que qualquer outra — carece de bases sólidas para encontrar apoio e confiança.

As vantagens do emparcelamento / Os Estados Unidos aumentaram o apoio dos preços do algodão / Possível subida do cacau na Nigéria / As novas quotas de importação da França podem significar o fim do sistema europeu de trocas e pagamentos / A produção de cobre norte-americana deverá ser reduzida / A área média de prédios rústicos / O volfrâmio continua a descer / A situação económica da França não é tão grave como se pretende / Os impostos podem contribuir para o aumento dos investimentos / O Chile manterá o nível actual da produção de cobre / Consultório económico & financeiro / O Japão reduz as importações de algodões e lãs.

A área média de prédios rústicos encontra nos distritos de Portalegre, Évora e Beja a sua maior expressão. Quere isto significar que é maior a área ocupada por cada propriedade rústica nestes distritos do que em quaisquer outros do País. Portanto neles as casas são maiores do que em qualquer outro lado. Seria um bem e um sinal de progresso se isso acontecesse relativamente a todos os habitantes e se a densidade habitacional de cada casa fosse normal, isto é: se não habi-

VEÍCULOS HIPOMÓVEIS

Por deliberação camarária, foi prorrogado até 1 de Setembro, o prazo para a colocação de aros de borracha nas rodas dos veículos hipomóveis.

Pelo Município

Em sessão de Câmara de 3 do corrente, foi deliberado substituir os nomes de algumas ruas da nossa vila, por outros de individualidades em destaque no nosso País, e que têm conseguido para a nossa vila bastantes melhoramentos.

Foi adquirido um depósito para água com a capacidade de 5.000 litros, para rega das ruas da nossa vila.

Foi superiormente aprovado o regulamento do Parque de Campismo.

Foi nomeada escriturária de 2.ª classe a sr.ª D. Maria Luísa Serafim dos Mártires.

Visado pela Comissão de Censura

tores, terceiro do que é a elaboração artística de um espectáculo dramático, poderia inspirar a legislação vigente e as suas consequências práticas no domínio da adequação à realidade.

Avelino Abrantes

tassem muitos indivíduos na mesma casa. Não nos parece que a promiscuidade habitacional no Alentejo seja notória. Daqui deduzimos que as grandes habitações pertencem aos grandes lavradores alentejanos. E, assim, somos forçados a negar o progresso de que facilmente nos poderíamos deixar convencer por uma aparência que está muito longe da realidade.

O Alentejo — podemos afirmá-lo sem receio de desmentido concreto — é uma das regiões do país onde o povo encontra maiores dificuldades de vida.

Em outro artigo poderemos, qualquer dia destes, exprimir sobre o assunto as nossas considerações e nelas encontrarão os assíduos leitores destas crónicas modestas, o realismo do drama que os alentejanos vivem constantemente.

Emparcelamento da propriedade rústica / A situação da França / Importação francesa / Consultório Industrialização e política fiscal / A Alemanha ocidental construiu em 1956 mais de um milhão de toneladas / A mecanização agrícola / Normalização da navegação.

A mecanização da agricultura não pode encontrar no nosso País um desenvolvimento que a torne utilizável. Só no Alentejo, onde as grandes propriedades atingem pleno campo de emprego da mecanização, esta poderia tirar resultados compensadores.

Evidentemente que existem outras regiões do País onde o sistema pode ser empregado com probabilidades de êxito em certas propriedades. Mas, de um modo geral, a propriedade rústica encontra-se demasiado subdividida para que a mecanização possa ser empregada com vantagem. Para tanto haveria que agrupar em cooperativas os pequenos agricultores e teriam estes que abrir mão da sua errada noção de detenção da terra; teriam que ser destruídos os muros e vedações e unirem-se os homens num trabalho para valorização do bem comum. É difícil conseguir-se tão magno empreendimento de pé para a mão. No espírito dos homens anda demasiada arreigada a ideia de posse e tanto nela se tem insistido, que seriam já caducos os sistemas de mecanização actual, quando os nossos pequenos lavradores se dispusessem a adoptá-los numa frente comum. Não pode a agricultura progredir persistindo-se nos sistemas que o tempo desde há muito condenou, mas nem mesmo o pauperismo terá forças para os desenraizar das ideias formadas e continuarão a lutar, cada vez com mais fracas possibilidades, para manter uma tradição que se desmanta irremediavelmente.

A Grã-Bretanha pretende arrebatá-los aos Estados Unidos a supremacia no Extremo Oriente / O governo da Colômbia adoptou medidas severas para controlar as importações / Trocas no valor de 60 milhões de coroas entre a Espanha e a Dinamarca.

Perdas muitas das suas milenárias posições e muitas das suas praças de comércio, a Grã-Bretanha luta desesperadamente para encontrar outras áreas de influência e outras fontes de absorção das suas exportações.

É uma luta titânica que mostra a vitalidade de um povo, numa luta brava e sem tréguas pela sobrevivência e poderio que lhe vai escoando pelos dedos, por mais que estes se comprimam uns contra os outros.

Os tempos de agora não são os mesmos do passado. Os homens encontraram uma nova consciencialização, uma maior certeza do seu poderio e força. Desde a Revolução Francesa que os povos se habituaram à ideia de ser livres. Os nacionalismos propagam-se, as lutas pela independência ganham, em toda a sua dureza e animalidade, maior incremento e as posições alteram-se continuamente. Os impérios declinam e dão liberdade aos povos que durante séculos viveram no feudalismo, misto de ignorância e superstição em que os interesses dos senhores os mantiveram.

Não há mais lugar no mundo para Impérios. Hoje em dia só podem caminhar paralelas as nações e os povos livres que hão-de construir e manter a Paz que a Humanidade há tanto anseia.

José dos Santos Marques



CRÓNICAS IRREQUIETAS

I X

EXHIBICAÇÃO

«Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas!» Eis como foram vistas por muitas leitoras e leitores, as nossas férias.

A sua hibernação foi pequena, e, se bem que factores alheios à nossa vontade tentassem a sua congelação, o Verão tratou de aquecer as mentes adormecidas, e fez desaparecer os obstáculos.

O espírito muitas vezes, cansado do dia a dia, da monotonia das razões de ser da vida, e da indole de cada indivíduo, traz passados alguns tempos de forçado humorismo, com um sorriso aparente e acolhedor, uma nostalgia de alma e coração, que a pena falha e cria entranhas ao bom humor, isto tudo fez-nos por vezes fraquejar, e sentir abalada aquela vontade indomita, que nos mantém de pé. Por isso achámos convenientes, umas férias, se bem que pequeninas sempre avivam o espírito.

Agradecemos as cartas de iniciativa, que recebemos de: Braga, Faro, Olhão, Luanda e da nossa vila.

O reaparecimento das nossas

BUROCRACIA DE TRAVÃO...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dentro em breve à Câmara e que, por estes motivos, não encarava a venda dos terrenos que ali possui, incluindo as ruínas.

Em face disto, a Câmara comunicou à sociedade, em 15 de Setembro de 1955, que suspendia a resolução anterior de compra ou expropriação das referidas ruínas para os efeitos citados e insistia para que o Município fosse informado, concretamente, da data em que a Empresa se comprometia a apresentar o projecto.

Este projecto só foi apresentado, incompleto, em Maio de 1956.

Em 28 de Julho de 1956, a Câmara comunicou à Sociedade que tinha emitido parecer favorável à construção do «Hotel Infante de Sagres» e pedia que, num gesto de boa vontade, de benéfica repercussão na opinião pública iniciasse, desde já, a demolição das ruínas.

A Sociedade respondeu, apontando os inconvenientes da demolição ser executada no Verão, durante a época balnear, com as consequentes poeiras, etc.

Em 13 de Novembro de 1956, a Câmara insistia ao pedido, por não se verificarem na época os inconvenientes apontados, ao que foi respondido que a Sociedade ia reunir por todo o próximo mês de Dezembro, estando certo que seria deliberado vir ao encontro dos desejos desta Câmara, e lembrando a possibilidade da demolição ser executada por pessoal da Câmara ou por outro contratado para o efeito.

Em 16 de Fevereiro de 1957 era comunicado à Sociedade que esta Câmara Municipal, em sua reunião de 14 do mesmo mês, tinha aprovado o projecto para a construção do «Hotel Infante de Sagres», com excepção da piscina.

Em 16 de Março findo, tornou a Câmara a insistir, por se estar na boa época, no pedido de demolição das malfadadas ruínas, ao que foi respondido, em 21 do mesmo mês, que o assunto ia ser devidamente estudado pela gerência da Sociedade que informaria logo que tomasse uma resolução definitiva.

Pelo exposto se verifica, facilmente, e manifesta boa fé e boa vontade deste corpo administrativo que foi até ao extremo de aprovar a construção de um hotel num local condenado pelo Ante-plano de Urbanização.

Facilmente se verifica, também, os meios dilatatórios que a Sociedade tem usado na resolução deste caso.

Nestas circunstâncias, pede-se o favor de comunicar, com urgência e em definitivo, se a Sociedade está ou não na disposição de levar a efeito a citada demolição e, em caso afirmativo, pede-se, também, que o faça antes do Verão, em conformidade com a opinião já emitida por V. Ex.ª.

A Bem da Nação
O Presidente da Câmara,
a) Salvador Gomes Vilarinho

Crónicas, se são para uns, motivos de satisfação, são para outros a antítese, no entanto com o espírito atento à magnanimidade, prometemos a todos tratar de forma idêntica.

O seu regresso dá-se com a colaboração de novos elementos, e pena é que as sumidades informativas cá do meio, não queiram vir em nosso auxílio, somente fazendo-nos concorrência desleal às mesas dos cafés.

MÁXIMA

Sempre encontramos defeitos nos nossos semelhantes.

Se o camelo falasse, chamaria corcunda ao dromedário.

OS FATOS DE BANHO

Cada ano, compramos fatos de banho, uma vez é a moda, outra a lei, etc.

Este ano foi a lei.

Falando com um amigo nosso, muito dado aos requintes da moda, disse-nos:

— Isto tudo, é negócio para as fábricas de fatos de banho!

— Qual negócio, se este ano têm de ser mais compridos, têm de pôr mais fazenda?

— Qual história, o bocado que acrescentaram aos fatos de banho masculinos, retiraram dos femininos!

A nossa terra por uns breves dias, perdeu o contacto da alegre juventude que a Faro foi justificar um ano de trabalho.

Olhamos para a juventude estudante, com a maior indulgência nas suas brincadeiras, e compreendemos as falhas de memória nos momentos dos exames.

Mas para o que mais pensativos ficámos, é que esses intervalos de ignorância deram-se precisamente com aqueles que, durante o ano lectivo, intervalaram as horas de estudo com uns ligeiros passeios de verificação atmosférica.

A toda essa juventude, que ansiosamente espera os resultados das provas escritas, comunicamos os nossos desejos de óptimos resultados, e, se tal não suceder, acompanhamos o seu aborrecimento com o nosso silêncio durante a época de caça, circunscreta até fins de Setembro.

Desejamos, no entanto, que a cotação da pele de raposa sofra um aumento considerável, motivado pelas dificuldades em as apanhar.

Poesia moderna

Se de tanto nos Queremos
Um pouco me envaideci,
Agora não sei que quero
Mas já sei que te perdi.

Sabem que há um novo jogo de cartas, muito mais interessante que a canasta?

???

É o jogo das cartas de... amor à la minute.

7 — Incolor.
8 — Inodoro.

Pouco a pouco, uma araguenha ondulava os malmequeres do jardim da Avenida. A brisa, com um cheiro a maresia, fazia as narinas andarem no ar, em busca de algo mais dilecto.

Perto, num banco pintado da cor promissora do verde, sentavam-se alguns rapazes, a quem a idade construtiva ultrapassava a desejada.

Falava-se de amor. Um assunto sempre grato, geralmente quando se trata de recordar.

Bocados de conversas chegavam até mim:

«Não, não foi nessa altura!
Em 1950 namorei com a Maria,
em 1951 com a Antónia e com a Fernanda; em 1952 estive para casar com a Isabel, portanto, em 1954 namorei com a Maria da Graça; estás a ver, com a Lili namorei muito depois».

Sim, meus caros leitores, mas que rico calendário! É pena, é ter já tantas folhas descoladas...

Os 2 Repórteres e um Fotógrafo

Assine, o «Noticias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.